

**MARX NARÓDNIK:
OS POPULISTAS RUSSOS, O COMUNISMO E O FUTURO DA REVOLUÇÃO**

**MARX NARÓDNIK:
THE RUSSIAN POPULISTS, THE COMMUNISM AND THE FUTURE OF THE
REVOLUTION**

Carlos Prado

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9260-6517>

E-mail: carlosprado1985@hotmail.com

RESUMO:

A presente resenha tem como objetivo apresentar e analisar a obra *Marx Narodnik: os populistas russos, o comunismo e o futuro da revolução*, publicada recentemente por Michael Löwy e Paul Guillibert pela editora Boitempo. O livro aborda um tema de grande relevância, mas ainda pouco explorado no interior da tradição marxista: os escritos de Marx sobre a Rússia e sua relação com os populistas russos (*narodniks*). Os autores desenvolvem sua análise a partir dos rascunhos e da carta de Marx a Vera Zassúlitch, bem como do prefácio à segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*. Com base nesses textos, defendem a tese de que o contato de Marx com a comuna rural russa levou a importantes reformulações em sua concepção da história, contribuindo para o afastamento de uma perspectiva eurocêntrica e para o reconhecimento da possibilidade de trajetórias revolucionárias originadas em países periféricos. Além disso, Löwy e Guillibert examinam a repercussão e o “esquecimento” dessas reflexões no interior do marxismo.

PALAVRAS-CHAVE: Marx. Materialismo Histórico. Populistas Russos. Revolução.

ABSTRACT:

The current review aims to present and analyse the work *Marx Narodnik: os populistas russos, o comunismo e o futuro da revolução* [*Marx Narodnik: the russian populists, the communism and the future of the revolution*], recently published by Michael Löwy and Paul Guillibert through the Boitempo publisher. The book addresses a highly relevant theme yet little explored within the marxist tradition: Marx's writings on Russia and his relationship with the russian populists (*narodniks*). The authors base their analysis on Marx's drafts and letter to Vera Zassúlitch, as well as the preface to the second Russian edition of the *Manifesto of the Communist Party*. Drawing on these texts, they defend the thesis that Marx's engagement with the rural commune led to important reformulations of his conception of history, contributing to the moving away from an eurocentric perspective and to the recognition of the possibility of revolutionary trajectories originating in peripheral countries. Furthermore, Löwy and Guillibert examine the repercussion and “forgetfulness” of these reflections within marxism.

KEYWORDS: Marx. Historical Materialism. Russian Populists. Revolution.

Em *Marx Narodnik: os populistas russos, o comunismo e o futuro da revolução*, Michael Löwy e Paul Guillibert apresentam uma obra que tem como eixo central o combate ao fatalismo histórico. A crítica ao marxismo de ordem determinista e etapista desenvolve-se a partir da análise de textos pouco conhecidos e frequentemente negligenciados da produção marxiana. O objeto central de estudo de Löwy e Guillibert são os rascunhos e a carta-resposta de Marx a Vera Zassúlitch, em 1881, bem como o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*.

A obra de Marx e Engels possui dimensões monumentais. A edição da *Marx-Engels-Gesamtausgabe 2* (MEGA2) ainda busca concluir o trabalho de publicação integral dos escritos dos pensadores alemães, tornando acessível ao público e aos pesquisadores a totalidade de sua produção. Diante dessa vasta documentação, não surpreende a existência de textos, cartas e manuscritos que permanecem pouco conhecidos ou insuficientemente estudados. Os escritos de Marx sobre a Rússia, contudo, não são propriamente desconhecidos. Ao contrário, o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista* é um texto amplamente acessível desde sua publicação, enquanto os rascunhos e a carta a Vera Zassúlitch já ultrapassaram um século desde sua primeira divulgação. Mais recentemente, esses materiais receberam uma edição em português pela Boitempo, sob o título *Lutas de classes na Rússia*, organizada por Michael Löwy e publicada em 2013. Apesar disso, tais escritos não suscitaram grandes debates entre os pesquisadores brasileiros. Embora existam estudos relevantes sobre o tema, eles ainda são relativamente escassos.

Nesse contexto, *Marx Narodnik* apresenta-se como uma obra necessária para impulsionar o debate em torno desses escritos. Ao longo do livro, Löwy e Guillibert evidenciam uma concepção de marxismo que rompe tanto com o eurocentrismo quanto com a lógica iluminista do progresso linear. Ao se depararem com as particularidades históricas e sociais da Rússia, Marx é confrontado com uma questão decisiva: seria possível que a Rússia, apoiando-se na organização comunal camponesa, avançasse diretamente para formas socialistas sem atravessar as mazelas do capitalismo? Em outras palavras, a Rússia deveria seguir o mesmo percurso histórico das sociedades europeias ou a comuna rural russa, baseada na propriedade coletiva e na divisão periódica da terra, poderia constituir a base de uma futura organização socialista? Essas questões possuem enorme relevância, não apenas do ponto de vista histórico, mas sobretudo político, pois colocam em debate a necessidade, ou não, de os países periféricos passarem por uma etapa “democrático-burguesa” antes de uma transformação socialista, ou a possibilidade de avançarem diretamente para uma revolução de caráter socialista.

Essas e outras questões são discutidas pelos autores ao longo de oito capítulos. Nos quatro capítulos iniciais, Löwy e Guillibert apresentam uma contextualização histórica do populismo russo, examinam os primeiros contatos de Marx com os *narodniks* e analisam os rascunhos e a carta a Vera Zassúlitch, bem como o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*. Nos capítulos seguintes, o foco desloca-se para a repercussão desses escritos no contexto da Revolução Russa. Por fim, o oitavo capítulo traz uma discussão particularmente instigante sobre as relações entre José Carlos Mariátegui, os *narodniks* e o pensamento de Marx.

Como se observa, a proposta da obra é oferecer um panorama amplo. Não se trata apenas de apresentar e analisar os textos de Marx, mas também, e sobretudo, de discutir sua recepção e seus desdobramentos teóricos e políticos, evidenciando como esses escritos foram apropriados,

reinterpretados ou simplesmente ignorados ao longo da tradição marxista. Para aprofundar essa discussão, abordaremos a seguir alguns dos principais argumentos desenvolvidos em cada capítulo.

No primeiro capítulo, intitulado *Naródnaia Vólia (os populistas russos)*, Löwy e Guillibert apresentam uma breve caracterização histórica do populismo russo. Esse movimento surgiu no contexto das transformações desencadeadas pela abolição da servidão, decretada em 1861 pelo tsar Alexandre II. Segundo os autores, o populismo russo apoiava-se em três fundamentos teórico-políticos centrais. O primeiro consistia na oposição ao autoritarismo tsarista e na defesa da construção de um federalismo comunal camponês. O segundo compreendia as comunas rurais como formas de organização protossocialistas, capazes de abrir caminho para um socialismo de base agrária. Por fim, o terceiro sustentava a possibilidade de uma via particular ao socialismo, que não pressupunha necessariamente o desenvolvimento prévio do capitalismo.

Após essa caracterização, os autores destacam a presença de um elemento “romântico” na concepção *naródnik*. Em linhas gerais, trata-se de uma crítica à sociedade burguesa e capitalista que busca inspiração em formas sociais pré-modernas, assumindo, em muitos casos, um caráter nostálgico e retrógrado. No entanto, argumentam que, no caso dos populistas russos, esse traço se manifesta como um “romantismo revolucionário”. Diferentemente de uma simples idealização do passado, essa perspectiva não propunha um retorno a formas sociais extintas, mas a construção de uma nova sociedade inspirada em elementos comunitários preservados pela tradição agrária russa. Assim, o objetivo era partir das estruturas comunais camponesas existentes para impulsionar uma transição ao socialismo.

Após essas considerações iniciais, os autores passam, no segundo capítulo, intitulado “*Marx e os naródniks*”, à análise das correspondências e das referências que Marx e Engels dedicaram aos populistas russos. Um primeiro aspecto, considerado pelos autores como “surpreendente”, é a admiração e a simpatia que ambos demonstraram em relação às ações armadas e aos atentados promovidos pelos *naródniks*. Naquele contexto, tais práticas eram percebidas como única forma possível de resistência ao regime tsarista. Marx chegou a caracterizá-las como “um modo de ação historicamente inevitável”. Além disso, Löwy e Guillibert também destacam a importância da correspondência de Marx com Nikolai Danielson, futuro editor da edição russa de *O Capital*, cuja interlocução contribuiu significativamente para aprofundar o interesse do revolucionário alemão pela realidade social e econômica da Rússia.

Em seguida, os autores examinam o contato de Marx com a obra de Nikolai Tchernichévski, considerado um dos principais precursores do populismo russo. Para o líder populista, a comuna rural, fundada na posse coletiva da terra, possuía potencial para evoluir diretamente para formas modernas de propriedade coletiva e organização socialista, sem a necessidade de atravessar a etapa da propriedade privada capitalista. Segundo Löwy e Guillibert, essa concepção não linear e não

eurocêntrica da história exerceu forte influência sobre Marx, levando-o a introduzir modificações importantes na edição francesa de *O Capital*, publicada em 1872. Nessa revisão, a expropriação dos camponeses deixa de ser apresentada como um processo historicamente inevitável em termos universais e passa a ser caracterizada como uma dinâmica específica dos “países da Europa Ocidental”. Desse modo, uma interpretação universalista da história cede lugar a uma perspectiva mais atenta às particularidades históricas e às múltiplas possibilidades de desenvolvimento social.

Os autores também dedicam atenção à resposta de Marx à resenha escrita por Nikolai Mikhailóvski sobre *O Capital*. Embora elogiasse a obra, Mikhailóvski criticava aquilo que considerava ser seu caráter excessivamente eurocêntrico, sustentado por uma concepção universal da história. Segundo o crítico russo, a trajetória histórica da Rússia não poderia ser compreendida a partir do modelo de desenvolvimento descrito por Marx para a Europa Ocidental. Em oposição a esse modelo, defendia a existência de uma via especificamente russa para o socialismo, fundada na comuna rural. Em sua resposta, Marx rejeita explicitamente a ideia de ter formulado uma teoria universal do desenvolvimento histórico.

É nesse ponto que Löwy e Guillibert apresentam uma das hipóteses mais provocativas do livro: a de que Marx teria efetivamente reformulado aspectos importantes de sua compreensão histórica sob a influência dos populistas russos. Em outras palavras, o contato com as reflexões desses autores sobre a comuna rural e sobre a possibilidade de uma transição não capitalista ao socialismo teria levado Marx a reconsiderar o caráter supostamente universal de algumas de suas formulações anteriores. Como observam os autores, ao responder às críticas de Mikhailóvski, Marx não recorre à primeira edição de *O Capital*, de 1867, mas à edição revista de 1872, na qual já havia introduzido a ressalva de que a análise da acumulação primitiva dizia respeito especificamente à experiência da Europa Ocidental.

O terceiro capítulo, intitulado *A carta a Vera Zassúlitch*, constitui o núcleo da obra e, possivelmente, sua seção mais instigante. Nele, os autores reconstroem o contexto da descoberta da carta e de seus rascunhos preparatórios, além de analisarem os motivos políticos e ideológicos que levaram ao “esquecimento” dessa correspondência. Na carta, a revolucionária russa questiona Marx sobre a possibilidade de a comuna rural russa servir de base para uma futura sociedade socialista ou se estaria inevitavelmente condenada ao desaparecimento diante da expansão das relações capitalistas. Segundo Löwy e Guillibert, tanto os rascunhos quanto a resposta definitiva de Marx revelam sua proximidade com as concepções dos populistas russos, uma vez que ele não descarta a hipótese de que a comuna rural pudesse constituir o ponto de partida para a “regeneração social” da Rússia.

Não obstante, os autores também destacam as divergências existentes entre Marx e os populistas quanto ao caráter e às possibilidades históricas da comuna rural. Nos rascunhos

preparatórios, Marx enfatiza o “dualismo inerente” dessa forma social, expresso, de um lado, pela propriedade coletiva da terra e, de outro, pelo trabalho parcelado e pela apropriação individual dos produtos. Embora a comuna tenha preservado a propriedade comum da terra, ela também assimilou elementos individualistas característicos das modernas relações de propriedade privada. Nesse contexto contraditório, a propriedade comunal poderia prevalecer sobre as tendências individualistas e abrir caminho para uma transição ao socialismo, ou, ao contrário, sucumbir ao avanço da propriedade privada, consolidando um desenvolvimento propriamente capitalista. O desfecho desse processo dependeria tanto das condições econômicas quanto da luta política. Para Marx, o advento de uma revolução poderia permitir que a comuna rural russa incorporasse as conquistas técnicas e produtivas do capitalismo sem ter de atravessar suas “forças caudinas”.

Ainda nesse capítulo, Löwy e Guillebert procuram demonstrar que a correspondência com Zassúlitch representa uma importante “ruptura” na concepção histórica de Marx. Tomando como referência o controverso *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859), os autores argumentam que esse texto comporta uma interpretação materialista de caráter economicista, linear e progressista da história, leitura que posteriormente serviria de fundamento para versões positivistas do marxismo, particularmente durante o período stalinista. Segundo eles, contudo, a partir da década de 1860, Marx teria iniciado uma revisão dessas posições, influenciado sobretudo por seus estudos sobre as comunidades ditas “arcaicas”. Essas investigações permitiram-lhe identificar “o mais moderno no mais antigo”, isto é, reconhecer potencialidades emancipatórias em formas sociais pré-capitalistas. O interesse de Marx por essas comunidades indicaria, portanto, uma tentativa de reformular o materialismo histórico, superando os limites economicistas e eurocêntricos presentes no prefácio de 1859.

Essa reformulação é denominada por Löwy e Guillebert de materialismo histórico “multilinear” ou “possibilista”. Nessa perspectiva, a história deixa de ser concebida como um processo necessariamente progressivo e evolucionista, orientado por um modelo universal de desenvolvimento que teria o capitalismo como etapa necessária. Em seu lugar, reconhece-se a existência de múltiplas trajetórias históricas possíveis. Além disso, a revolução deixa de ser compreendida como resultado das contradições entre forças produtivas e relações de produção, passando a ser pensada no interior de uma totalidade sócio-histórica mais ampla. Por conseguinte, o grau de desenvolvimento das forças produtivas deixa de ser o fator determinante do caráter de uma revolução, abrindo espaço para a possibilidade de processos socialistas em países considerados “atrasados”.

Nessa concepção “multilinear” do materialismo histórico, as revoluções democrático-burguesas deixam de ser entendidas como etapas necessárias do desenvolvimento histórico, assim como a Europa deixa de figurar como modelo universal a ser seguido pelos países periféricos. As

revoluções socialistas, portanto, não precisariam iniciar-se necessariamente nos países mais desenvolvidos do capitalismo industrial. Elas poderiam emergir também em formações sociais menos desenvolvidas, embora seu sucesso dependesse da articulação com processos revolucionários em países capitalistas avançados.

Por fim, em uma das teses mais polêmicas da obra, Löwy e Guillibert sustentam que essa concepção abre espaço para a ampliação dos sujeitos históricos da transformação social. Embora reconheçam a centralidade da classe operária, os autores argumentam que as revoluções socialistas não precisariam ser exclusivamente “operárias”, podendo também assumir um caráter “camponês”. Tal possibilidade decorreria do fato de que Marx teria identificado uma espécie de “homologia estrutural” entre as formas arcaicas de propriedade coletiva e o comunismo moderno, pós-capitalista.

O quarto capítulo dedica-se à discussão do prefácio à segunda edição do *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 1882, isto é, um ano após a correspondência com Zassúlich. Nesse texto, Marx e Engels apontam para uma mudança substancial no cenário europeu entre 1848 e 1882. Enquanto, no final da década de 1840, a Rússia era apresentada como o principal sustentáculo da reação europeia contra o avanço da classe trabalhadora, três décadas depois ela passava a ocupar a vanguarda de uma possível revolução no continente. Segundo Löwy e Guillibert, nesse prefácio, Marx e Engels reconhecem e saúdam o papel desempenhado pelos populistas russos no enfraquecimento do poder czarista. Além disso, a comuna rural russa é apresentada, de forma ainda mais explícita do que nos textos anteriores, como um possível “ponto de partida” para a revolução mundial. Nesse sentido, a Rússia deixa de ser vista como referência conservadora para assumir uma posição central na luta revolucionária. Contudo, os autores ressaltam que, sem o apoio de uma revolução nos países europeus mais desenvolvidos, uma possível revolução russa correria o risco de sucumbir ao isolamento e às suas próprias contradições internas.

No quinto capítulo, intitulado *Os marxistas russos contra os naródniks*, os autores abordam um tema relevante, mas ainda pouco explorado pela bibliografia: a relação entre os marxistas russos e os populistas. O primeiro aspecto destacado refere-se ao “esquecimento” dos rascunhos e da carta de Marx à Zassúlich. Segundo Löwy e Guillibert, a negligência em relação a esses documentos decorre do fato de que eles pareciam pouco compatíveis com a interpretação ortodoxa do marxismo e do materialismo histórico. A carta rompia com concepções amplamente difundidas entre os marxistas da época e, por essa razão, acabou sendo relegada ao esquecimento. Processo semelhante ocorreu com o prefácio de 1882, também raramente comentado pelos marxistas russos.

Na segunda parte do capítulo, os autores analisam as referências aos populistas russos presentes nas obras de Plekhánov, Lênin, Trótski e Rosa Luxemburgo. No caso de Plekhánov, embora tenha integrado inicialmente uma organização populista, após sua adesão ao marxismo tornou-se um crítico contundente dos *naródniks*. Sua crítica não se limitava à ausência de um projeto político

voltado para a conquista do poder estatal e à falta de centralidade atribuída à classe operária; estendia-se também à própria comuna rural russa, que, em sua interpretação, estaria condenada ao desaparecimento diante do avanço da acumulação individual e das relações capitalistas.

Em relação a Lênin, os autores destacam que suas críticas aos populistas aparecem, sobretudo, em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1898). Nessa obra, Lênin argumenta que o campo russo já se encontrava inserido em um processo de desenvolvimento capitalista, marcado pela proletarianização crescente do campesinato e pela concentração da propriedade fundiária nas mãos de uma camada reduzida de camponeses abastados.

Quanto à relação entre Trótski e os *naródniks*, Löwy e Guillibert observam que o tema ocupa um espaço bastante reduzido em sua obra. Os populistas estão ausentes de textos centrais, como *Balanço e perspectivas* (1906) e *História da Revolução Russa* (1932). Algumas referências, contudo, podem ser encontradas em sua biografia de Lênin (1936), na qual destaca tanto o crescente distanciamento entre os populistas e as massas populares quanto a ideia de que o assassinato de Alexandre II representou o fim das atividades do movimento. Os autores observam ainda que chama a atenção o silêncio de Trótski em relação à comuna rural russa e às potencialidades transformadoras que Marx lhe atribuíra.

Por fim, o capítulo examina as considerações de Rosa Luxemburgo. Embora ela tenha se dedicado à análise das teorias econômicas dos populistas russos, demonstrou pouco interesse pelas possibilidades revolucionárias da comuna rural destacadas por Marx. Sua preocupação principal concentrava-se nas características específicas e nas particularidades do desenvolvimento capitalista na Rússia.

O capítulo seis, *A evolução dos naródniks*, um dos mais curtos da obra, os autores abordam brevemente a reorganização dos populistas russos no Partido Socialista Revolucionário (SR); destacam que a organização se caracterizava como uma coalizão instável, cuja plataforma política defendia a República Democrática e relegava o projeto de “socialismo agrário” a uma etapa posterior. Além disso, apontam que a Revolução de Fevereiro provocou uma divisão interna entre os SRs de direita e de esquerda. Após a Revolução de Outubro de 1917, a ala direita passou a se opor ao processo revolucionário, enquanto a ala esquerda apoiou o governo soviético. Contudo, a aliança entre os bolcheviques e os SRs de esquerda mostrou-se frágil e não se sustentou por muito tempo, culminando em seu rompimento no final de 1918.

O capítulo sete, também bastante breve, discute se a Revolução Russa de 1917 confirmou ou não a análise de Marx acerca do papel da comuna rural russa. Löwy e Guillibert observam que, à primeira vista, a revolução parece não corroborar as teses marxianas, uma vez que se tratou de um processo fundamentalmente urbano e operário. Não obstante, argumentam que as tradições comunitárias do campo exerceram influência na formação dos sovietes e que, nesse sentido, existe

uma continuidade entre as formas de organização dos conselhos rurais e os conselhos operários. Tal continuidade se explica, em parte, pelo fato de que grande parcela dos trabalhadores urbanos tinha origem camponesa.

Os autores destacam ainda um aspecto que consideram particularmente relevante: a confirmação da hipótese de que um país economicamente atrasado poderia assumir a vanguarda de uma revolução de caráter operário e socialista. Nessa perspectiva, identificam importantes convergências entre o materialismo “multilinear” de Marx, a teoria da Revolução Permanente de Trótski e as Teses de Abril de Lênin, uma vez que todas essas formulações reconheciam a possibilidade de uma revolução socialista na Rússia, apesar de seu desenvolvimento capitalista tardio.

No oitavo e último capítulo, os autores apresentam uma discussão particularmente instigante ao estabelecerem um diálogo entre a obra de José Carlos Mariátegui e as propostas dos populistas russos. Segundo Löwy e Guillibert, Mariátegui formulou uma concepção de socialismo “índio-america”, enraizada nas tradições indígenas e comunitárias dos povos andinos. Em oposição à ortodoxia stalinista, o marxista peruano não considerava a revolução nacional-democrática a única alternativa para os países latino-americanos, então caracterizados pela III Internacional como sociedades semifeudais. De modo semelhante aos *naródniks*, Mariátegui sustentava que as tradições comunitárias do campesinato andino poderiam constituir um ponto de partida para a construção de um socialismo latino-americano.

Nesse sentido, Mariátegui buscava no chamado “comunismo inca” uma referência histórica para a luta anticolonial e para a construção de uma alternativa socialista. Conforme destacam os autores, Mariátegui reivindicava o “comunismo inca”, e não o “comunismo do Império Inca”; isto é, valorizava formas comunitárias de organização da terra e da produção que antecederam a consolidação de um Estado centralizado. Löwy e Guillibert lembram ainda que, mesmo sem conhecer a correspondência entre Marx e Zassúlitch, o pensador peruano formulou teses bastante próximas daquelas desenvolvidas por Marx em seus escritos tardios.

Para concluir, podemos afirmar que, ao recuperar textos frequentemente marginalizados e situá-los no interior dos debates políticos e teóricos de seu tempo, Löwy e Guillibert oferecem uma interpretação consistente e provocativa da trajetória intelectual de Marx em seus últimos anos. Ainda que algumas de suas hipóteses, especialmente aquelas relativas à existência de uma ruptura mais profunda no pensamento marxiano, possam suscitar controvérsias, o livro tem o mérito de recolocar em discussão questões fundamentais acerca da pluralidade dos caminhos para a revolução socialista. Por essas razões, *Marx Naródnik* afirma-se como uma referência importante para todos aqueles que desejam compreender as múltiplas possibilidades históricas presentes na tradição marxista para além de suas interpretações mais ortodoxas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LENIN, V. I. *Obras escolhidas*. Tomo 2. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

LÖWY, Michael; GUILLIBERT, Paul. *Marx Narodnik: os populistas russos, o comunismo e o futuro da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2026.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. *Lutas de classe na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TROTSKY, Leon. *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Sundermann, 2011.